

História entre paredes: a importância da *casa* nas análises históricas de Gilberto Freyre

BRUNO SANTOS CONDE¹

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar a idéia de *casa* nos escritos de Gilberto Freyre. Concentrando o olhar sobre a obra *Casa-grande & senzala*, as páginas que seguem abordam a centralidade conferida por Freyre às residências no sentido da caracterização da formação histórica brasileira. Inicialmente, serão mapeados aqui elementos do pensamento freyreano, observando o desenvolvimento de suas noções de *casa* e de história. Após isso, a argumentação se direcionará para a Casa-grande do período colonial brasileiro: um lugar de relações sociais, de formação cultural e de prática religiosa.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; Casa; História.

Abstract

This study aims to analyze the idea of “home” in the writings of Gilberto Freyre. Focusing our gaze on the book *Casa-grande & senzala*, the pages that follow below the centrality given to households by Freyre for the characterization of the Brazilian historical composition. Initially, the elements will be mapped here thinking freyreano, noting the development of their notions of *home* and history. After that, if the argument directly to the *Casa-grande* of Brazilian colonial period: a place of social relations, composition cultural and religious practice.

Keywords: Gilberto Freyre; House; History.

Aspectos Preliminares

Era novembro de 1933 quando foi lançada a primeira edição da principal obra de Gilberto Freyre: *Casa-grande & senzala*. Passadas sete décadas, as discussões em torno da obra têm um fôlego constante, com novas edições não cessando de chegar às livrarias. Os fatores que proporcionam tal fenômeno são variados. As páginas de Freyre inquietam, envolvem o leitor ao texto de uma forma que somente os grandes clássicos conseguem fazer. Trata-se de uma argumentação que, de maneira ímpar, agrega e enxerga como positiva a junção de influências portuguesas, indígenas e africanas na formação da sociedade brasileira. Como bem frisou Raul Lody (1997), Freyre “[...] escreveu, publicou, revelou e inquietou

pensamentos; fomentou ações, acirrou relações, relativizou situações e fatos da vida brasileira [...]”.

Se a sua escrita, os métodos e as fontes utilizadas ainda impressionam em nossos dias, é de se imaginar que a obra teve grande impacto à época de seu lançamento, na década de 1930. A abordagem de Freyre sobre a nossa formação cultural, que Geraldo Soares chama de tríplice (2002:224), representou uma inovação para a época. Há nas páginas freyreanas um elogio à miscigenação, a valorização da presença africana em nossa formação cultural, a consideração de um catolicismo lírico, além de outros aspectos incomuns aos escritos de então. Nas palavras de Fonseca (1980), *Casa-Grande & Senzala*, com sua riqueza de pioneirismos, serviu para “[...] desconstruir e inaugurar parâmetros nas primeiras décadas do século passado [...]”.

Não é novidade apontar que de *CG&S*² podem se derivar os mais variados tipos de estudos. A culinária, a escravidão, a violência e a infância são apenas algumas dessas possibilidades. Um dos pontos que chama a atenção nos escritos de Freyre é o importante papel conferido às residências no sentido da caracterização da história e da cultura de uma sociedade. E esse protagonismo da casa é algo que o próprio Freyre tenta deixar claro desde o prefácio de *CG&S*. Em estudos posteriores, como *Sobrados e Mucambos*” (Freyre, 1936), *Oh de casa!* (Freyre, 1979) e *Problemas Brasileiros de Antropologia* (Freyre, 1943), tal concepção também fica expressa, sendo inclusive reforçada. A postura de Freyre em relação à casa é evidenciada nas escolhas dos títulos de suas duas principais obras: *Casa-grande & senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Tais títulos expressam duas metáforas que servem para realçar a importância desses dois tipos de residência e de seus moradores na formação histórica brasileira.

O presente trabalho objetiva tocar exatamente na casa que Gilberto Freyre nos apresenta em *CG&S*. A importância que o próprio Freyre assumidamente confere a questão das residências já serve para motivar e justificar o estudo aqui proposto. A primeira parte deste estudo é uma discussão sobre a gênese de algumas idéias freyreanas. A intenção é mapear em seu pensamento o desenvolvimento das noções de *casa* e de história, as quais ele amplamente utiliza em *CG&S*. Após isso, o olhar aqui se voltará para a Casa-grande do período colonial brasileiro: um lugar de relações sociais, de formação cultural e de prática religiosa. Melhor passar agora ao próximo tópico.

No Rastro de um Conceito: a noção freyreana de *casa*

Para o trabalho aqui proposto, é fundamental tentar conhecer aquilo que Freyre entendia como *casa*. Tanto em *CG&S* quanto em estudos posteriores, o próprio Freyre deu apontamentos que permitem montarmos uma idéia dessa sua noção. Pallares-Burke (2005:408) também se ocupou do assunto, indicando que o mérito freyreano reside no fato dele tratar com maestria a casa num duplo significado: um literal e outro simbólico. Ela mesma explora esse duplo sentido, explicitando em que consistem: “[...] de um lado a casa como arquitetura, com todos os detalhes significativos da cultura material nela presentes, e, de outro, a casa como símbolo da família patriarcal”.

Essa idéia de duplo sentido da *casa* é bastante perceptível nos escritos de Freyre. E tanto no sentido literal quanto no simbólico, é uma constante em seu pensamento a ligação entre casa e cultura. São as palavras do próprio Freyre que atestam este argumento. Primeiro no sentido literal, no sentido físico da casa, ele escreve sobre o Rio Grande do Sul que:

Os sobrados que tive ocasião de ver, no começo deste ano, no Rio Grande do Sul, nas cidades mais antigas e mais cheias de traços da colonização açoriana [...] estão entre aqueles elementos da paisagem cultural brasileira que pouco ou nada variam de norte a sul; e que constituem a unidade ou uniformidade da mesma paisagem; ou antes, de nossa cultura (Freyre, 1959:84).

No trecho acima Freyre se refere às fachadas, ao modo das construções. Mas não é somente no sentido arquitetônico (literal) que o pensador em questão associa casa e cultura. No que se refere ao sentido simbólico, ao sentido “não-arquitetônico” das residências, ele apresenta as casas-grandes dos tempos de colônia como:

Ponto de confluência de impactos culturais de origens diversas (européia, ameríndia, africana); valores religiosos, práticas higiênicas, danças, música, usos recreativos e lúdicos, técnicas de caça, pesca, lavoura agrária; centro de irradiação de cultura européia e, principalmente, cristã ou socialmente cristocêntrica (catequese, educação, moralização); laboratórios de experimentos, nas cozinhas, com animais, ervas, frutos, tropicais – ameríndios e africanos – que, tratados segundo técnicas e heranças européias, resultaram em novas formas de alimentos, de remédios, de refrescos feitos em casa (Freyre, 1979:41-42).

A riqueza de ações e significados circunscritos no espaço da casa impressiona. O trecho acima foi extraído do livro *Oh de casa!*, publicado na década de 1970. Mas é em *CG&S* que todos esses aspectos são demonstrados com maior intensidade. Na obra, tal

significação é reforçada através da citação de casos concretos, exposição de fontes, diálogo com outras pesquisas, descrição da vida em engenhos, etc.

A concepção de história desenvolvida por Freyre certamente o influenciou nesse protagonismo conferido à *casa*. Comumente, a história produzida por ele é chamada de *história íntima*. E não é mistério que para ele a verdadeira história deva ser contada a partir do cotidiano, da vida doméstica, dos detalhes, conforme tenta se discutir aqui. Sobre essa discussão, aliás, Peter Burke fornece interessantes subsídios. Ele traça uma relação entre a *nova história*, que germina na França na década de 1960, e a “[...] história social, psico-história ou antropologia histórica de Gilberto Freyre” na década de 1930 (Burke, 1997). O estudo de Burke é interessante, pois vai além das simples aproximações que se faz entre Freyre e essas tendências historiográficas européias. Ele tenta compreender de fato a gênese da noção freyreana de história, captando a mescla de escolhas individuais e influências externas de Freyre.

Os escritos franceses e ingleses, como de praxe na época, não poderiam estar fora das leituras do jovem Freyre. Entre os historiadores franceses, talvez as principais escolhas de Freyre fossem Jules Michelet e os irmãos Edmond e Jules Goncourt. O primeiro descrevia seu próprio trabalho como "ressurreição" histórica do passado. Michelet tinha grandes dificuldades para distinguir entre os eventos de sua própria vida e os eventos históricos que analisava, o que é um dado muito pertinente para entendermos Freyre (Burke, 1997). Mas voltaremos a esta questão mais a frente.

Os irmãos Goncourt, por sua vez, são inclusive citados por Freyre em seu prefácio à *CG&S* (Freyre, 2006:44). Segundo Burke, os Goncourt praticavam uma história da vida privada, sendo deles a idéia de *histoire intime*, que encantou Freyre, leitor desses irmãos por volta de 1922 (Burke, 1997). Precocemente, já por volta de 1860, os Goncourt defendiam uma história renovada, com enfoque mais social, abarcando novos temas, como a história da mulher, além de novas fontes, como os jornais. A leitura de *CG&S*, bem como de outras obras de Freyre, possibilita observar certas marcas de Michelet e dos Goncourt. Entretanto, é preciso ter prudência. O reconhecimento dessas marcas não deve ser confundido com a idéia de que o pensamento freyreano tenha sido uma mera soma dessas leituras.

De qualquer modo, Michelet trazia em seus estudos históricos um toque de introspecção, de reflexão sobre sua própria história de vida. Dito de outro modo, havia nele a idéia de que a reflexão individual poderia ser representativa de dados da história humana como um todo (Burke, 1997). Tais idéias, aliás, não são muito distantes das do inglês Walter Pater, outra leitura de Freyre. Pallares-Burke (2005:408) inclusive associa a Pater e seu conto

The child in the house (1910) grande parte da noção freyreana de *casa*. Em tal conto, há um reencontro do personagem central com seu passado, sendo reforçada a idéia da *casa* em sua importância simbólica, algo também marcante em *CG&S*. Ainda segundo Pallares-Burke (2005:407), a admiração de Freyre pelo conto de Pater evidencia-se por seus grifos e anotações após a leitura.

Maria do Carmo Tavares de Miranda, prefaciando *Contribuição para uma Sociologia da Biografia* (*apud* Freyre, 1978) sintetiza muito bem o desenvolvimento da noção de história em Gilberto Freyre. Ela aponta que Freyre estuda uma *casa* que é “sua”, mas também de sua gente, de seu país. Da mesma forma, ele se volta para a análise do passado buscando raízes que não são só suas, mas também do povo brasileiro em geral. Pensando no sentido das idéias de Maria do Carmo, haveria em Freyre, portanto, uma relação bastante especial entre o pesquisador e o objeto de estudo, o que o aproxima grandemente ao pensamento de Pater, Michelet e dos irmãos Goncourt.

Entretanto, mesmo após todos esses indícios colocados, não há argumento mais forte para defender essa aproximação do que as palavras do próprio Freyre. Segundo ele:

[...] Casa-grande & senzala poderia ser considerado extensão de uma auto-análise pessoal que se tornará análise social: busca de um tempo em grande parte perdido e procura de um tempo social total que devesse ser reencontrado não só por um indivíduo como por um povo. (Freyre, 1979:38)

As linhas citadas acima são simplesmente fantásticas. Freyre efetivamente expõe a ligação íntima, de empatia, que existe entre pesquisador e objeto em sua principal obra: *Casa-grande & senzala*. Trata-se da apologia freyreana a uma análise introspectiva que se desdobra em análise social. E essa busca simultânea de raízes de um indivíduo e de um povo tem como palco ideal a casa. Lê-se em Pallares-Burke que Freyre filia-se à idéia de que a casa nos deixa marcas na infância que carregamos pela vida inteira (2005:408-409). Fazendo uma analogia, é como se o período colonial representasse a “infância” da sociedade brasileira, com as casas-grandes deixando marcas ainda hoje vivas no Brasil, um país em sua “fase adulta”.

Devem estar mais claros agora algumas marcas do pensamento de Freyre. As suas leituras, somadas à busca por suas raízes individuais após viver no exterior³, deixaram traços marcantes e singulares em *CG&S*. Com uma concepção de história bastante particular, Freyre tomou a casa como lugar crucial para a interpretação de nossa sociedade. As poucas citações diretas de *CG&S* até a presente linha foi algo proposital. Preferi guardá-las para as próximas páginas. De qualquer modo, são as palavras da obra em questão que utilizo para encerrar este

tópico. O conteúdo do trecho abaixo tem o poder de, nas próprias palavras de Freyre, sintetizar a legitimidade da história íntima, o protagonismo da casa, bem como a ligação entre a individualidade de Freyre e o tema estudado:

[...] No estudo de sua história íntima [da casa-grande] despreza-se tudo o que a história política e militar nos oferece de mais empolgante por uma quase rotina de vida: mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo. Estudando a vida domestica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido” [...] (Freyre, 2006:45).

Abrindo as Portas de Casa

Até aqui foram explicitadas algumas características do pensamento de Freyre. A partir de agora é possível direcionar os esforços para a casa descrita por ele em *CG&S*, remontando aos sentidos literal e simbólico descritos por Pallares-Burke (2005:408). O título traz em sua redação dois tipos de residência: a casa-grande e a senzala. Entretanto, está muito claro que a história é contada a partir da casa-grande. Na obra, a senzala é representada pelos escravos que se encontravam nas casas senhoriais, o que não os isentava das privações típicas da realidade escravista, conforme retratado pelo próprio Freyre (2006:517).

Assim como um escritor literário, Freyre parece escrever *CG&S* de maneira que os capítulos IV e V figurem como um ápice, como um *clímax*. Se nos primeiros capítulos a argumentação se concentra em aspectos gerais da colonização e sobre as predisposições de indígenas e portugueses, nos dois capítulos finais Freyre “entra” na casa-grande. As páginas transcorrem como se o autor estivesse lá, observando e fazendo parte da realidade analisada. Não por acaso, portanto, os próximos tópicos serão majoritariamente baseados nos capítulos em questão.

A Cozinha: cultura na tampa da panela

Claude Lépine (2003) aborda em um artigo a questão da culinária nos estudos de Gilberto Freyre. Tal pesquisador realça o pioneirismo freyreano no trato dessa temática, o qual se antecipou muito em relação a estudos que mais tarde se tornariam célebres. Outro dado evidenciado por Lépine equivale à maneira peculiar com que Freyre empreendeu sua abordagem na década de 1930, associando a culinária à cultura, à sociedade e à saúde da

população, de maneira a explicar nossa formação histórica (Lépine, 2003:288). E várias são as páginas de *CG&S* que tocam no tema.

O fato é que, no anseio de entender a formação da sociedade brasileira por meio do olhar detalhado sobre os costumes circunscritos à casa, Freyre viu nas cozinhas muitos elementos que possibilitavam contar a nossa história. Mais que uma simples parte das casas-grandes, as cozinhas são tomadas por Freyre como um verdadeiro laboratório de experimentos, nas quais se juntavam práticas ameríndias, africanas e européias de forma a criar alimentos tipicamente brasileiros (Freyre, 1979:42).

As casas-grandes tinham uma arquitetura que Freyre chama de *brasileirinha da Silva*, contendo cozinhas não luxuosas, porém muito espaçosas. E nesse espaço, tomado como um laboratório, a influência africana é apontada como a principal. Segundo Freyre, “[...] o escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos [...]” (2006:541-542). Ele atribui ainda aos escravos a introdução de itens como o quiabo, o azeite-de-dendê, além da pimenta malagueta, no cardápio brasileiro. O preparo de doces pelos negros também ganha destaque, sendo a Bahia o principal centro de expressão doceira da colônia. (Freyre, 2006:543)

E a gastronomia praticada pelos escravos e seus descendentes parece ser um tema que toca Freyre em especial. Ele se estende nas descrições, citando receitas detalhadamente, falando sobre o gosto dos alimentos e lamentando sobre as iguarias não mais produzidas. O trecho a seguir é revelador nesse sentido. Ao resgatar o passado brasileiro, Freyre parece se colocar como parte deste passado, descrevendo minuciosamente uma receita da mesa patriarcal brasileira:

Prepara-se o caruru com quiabo ou folha de capeba, taioba, oió, que se deita ao fogo com pouca água. Escoa-se depois a água, espreme-se a massa que novamente se deita na vasilha com cebola, sal, camarão, pimenta malagueta seca, tudo ralado na pedra de ralar e lambuzado de azeite-de-cheiro. Junta-se [sic] a isso garoupa ou outro peixe assado (Freyre, 2006:545).

Portugueses e índios também são mencionados nessa caracterização da culinária em surgimento nos tempos coloniais. Dos portugueses vieram vários quitutes e receitas, além do “[...] gosto pelas comidas oleosas, gordas, ricas em açúcar [...]” (Freyre, 2006:299). E foi graças aos indígenas que inúmeros utensílios tornaram-se marca registrada da cozinha do país, tais como o pilão e o pote de água. O triunfo da mandioca sobre o trigo também se explica em partes pela influência indígena.

Como já de hábito na obra de Freyre, o “laboratório” representado pelas casas senhoriais é apontado como responsável por dar um caráter peculiar às influências alimentares vindas do gentio. Segundo ele, “[...] foi nas cozinhas das casas-grandes que muitos desses quitutes [indígenas] perderam o ranço regional, o exclusivismo caboclo, para se abrigarem” (2006:193). Trabalhando sua idéia de *confraternização de cultura*, Freyre cita um alimento tipicamente brasileiro: a tapioca. Segundo ele,

na tapioca de coco [...] sente-se o amálgama verdadeiramente brasileiro de tradições culinárias: a mandioca indígena, o coco asiático, o sal europeu, confraternizando-se em um só e delicioso quitute sobre a mesma cama africana de folha de bananeira [...] (Freyre, 2006:193).

Como se pode observar nessa citação e no decorrer das linhas anteriores deste trabalho, a argumentação de Freyre desenvolve-se no sentido de conceder à culinária um papel importantíssimo para a gênese de uma cultura efetivamente brasileira, diferenciada em relação a outros países. Assim, a gastronomia dos tempos de colônia representaria, no plano doméstico, no íntimo da casa, o caráter tríplice da formação cultural brasileira, agregando marcas de indígenas, portugueses e africanos.

Nos Corredores e Rodapés: o olhar sobre os pequenos

Estudos apontam que uma das primeiras metas intelectuais de Gilberto Freyre era escrever sobre a história da criança no Brasil. Nas palavras de Giucci e Laretta (2007:17), “[...] a história do menino no Brasil é [sic] um de seus primeiros projetos intelectuais ambiciosos”. Sabe-se que esse projeto foi substituído por outro: o de *Casa-grande & senzala*. Mas, mesmo em *CG&S*, a história dos pequenos, tem seu espaço. Como muito bem observou Burke (1997), há na obra fragmentos substanciais do “projeto secreto” freyreano. O fato é que na tentativa de resgatar simultaneamente o seu próprio passado e a História do Brasil, o olhar de Freyre sobre a criança se enquadra perfeitamente em sua noção de história.

Em se tratando do período colonial, no qual as escolas eram instituições raras, estudar a vida dos meninos requer estudar o cotidiano das casas-grandes. Foi o que fez Freyre. As diversões, os principais brinquedos, as privações, as doenças, o letramento: tudo isso acontecia na casa. E nessas inúmeras situações, a presença escrava era algo recorrente. Da diversão à iniciação sexual, os negros estavam presentes na vida infantil dos filhos de senhores. Segundo a argumentação de Freyre, a ama negra, que amamentava, dava carinhos e

ensinava as primeiras palavras, não era uma figura isolada. Entre as paredes da casa-grande, a ela se juntavam o negro contador de histórias, a mucama, a cozinheira e outros.

E de todas as companhias, nenhuma era mais constante que a do “moleque companheiro de brinquedo do menino branco [...]” (Freyre, 2006:419). Nos corredores das casas-grandes, crescem juntos o filho do senhor e a criança escrava. Mas essa proximidade não exclui as privações e a violência, inerentes à escravidão. Nas páginas de *CG&S*, temos uma noção do cotidiano desse companheiro que passava muitos momentos junto ao filho do senhor. Chamado por Freyre de *leva-pancadas*, esse pequeno escravo era

[...] manejado a vontade por nhonhô [filho de Senhor]; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como Judas de sábado de aleluia, e não de carne como os meninos brancos [...] (Freyre, 2006:419).

Nota-se que o sadismo, a violência e os vícios do período colonial brasileiro acabam sendo cultivados nos seres desde a sua infância, dentro da própria casa. Novamente, Freyre prima por enxergar, no específico, aspectos que expressam a totalidade do cenário brasileiro.

Se a culinária representa, das cozinhas, o amálgama cultural brasileiro, a relação entre o nhonhô e o seu moleque reflete as práticas sádicas passadas de pais para filhos nos corredores das casas-grandes, “[...] logo que a criança deixa o berço [...]” (Freyre, 2006:419).

Mas não é somente o sadismo que tem destaque quando Freyre se refere às crianças. Um outro ponto tocado por ele corresponde ao excesso de formalismo com que os filhos de senhores eram tratados a partir dos nove ou dez anos. Seja na vestimenta ou no linguajar, sob o olhar de Freyre o adolescente da era colonial brasileira tinha uma vida triste, contrastante com a liberdade de anos anteriores (Freyre, 2006:499-505).

Os meninos indígenas também têm notável espaço nas páginas de *CG&S*, mais até do que os filhos de escravos. Certamente, a escassez de fontes contribuiu para tal configuração da obra. De qualquer modo, a ausência de meninos africanos e indígenas nas linhas deste artigo não é uma falha, visto que a intenção aqui é analisar a casa apresentada por Freyre. E nesta casa freyreana a criança mais intensamente descrita é branca e livre.

Um Lugar de Fé

No Brasil, a catedral ou a igreja mais poderosa que o próprio rei seria substituída pela casa-grande de engenho. [...] A igreja que age na formação

brasileira, articulando-a, não é a catedral com seu bispo [...]. É a capela de engenho [...] (Freyre, 2006:271).

No anseio de descrever a formação da sociedade brasileira, Gilberto Freyre menciona em vários momentos a importância da Igreja Católica neste processo. Entretanto, a manifestação e a propagação da fé em terras brasileiras têm marcas bastante específicas. Conforme nota-se no trecho citado acima, igreja e casa-grande estavam intensamente ligadas naquele contexto, sendo as capelas das casas senhoriais mais um fator de imparidade em nossa formação histórica.

As páginas nas quais Freyre descreve esse catolicismo que se pratica dentro das casas-grandes são também fascinantes. É baseado em *CG&S*, assim como em outras fontes, que Luiz Mott (1997) nos apresenta a realidade dos tempos de colônia:

No Brasil colonial [...] desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do reino dos Céus. Na parede contígua à cama, havia sempre algum símbolo visível da fé cristã: um quadrinho ou caixilho com gravura do anjo da guarda ou do santo; uma pequena concha com água benta; o rosário dependurado na cabeceira da cama [...]. As famílias um pouco mais abastadas possuíam um quarto especial, o quarto dos santos.

Nossa formação tríplice, já explicitada neste trabalho, concedeu ao “laboratório” das casas-grandes ingredientes para a gênese de um catolicismo que Freyre chama de “[...] doméstico, lírico e festivo [...]” (2006:438). É o próprio Freyre quem, em outro trecho, cita o observador estrangeiro Gilbert Mathison, que visitou o Brasil no início do século XIX, e a sua impressão sobre a religiosidade na colônia. Nas palavras freyreanas, “[...] nada lhe pareceu [a Mathison] mais digno no brasileiro colonial que o fato de ter sempre em sua casa lugar destinado ao culto divino” (Freyre, 2006:521).

Ainda segundo Freyre (2006:272), muitos eram os padres que viviam nas casas-grandes, aliados ao patriarcalismo dos grandes senhores de terras e de escravos, o que era reprovável pelos jesuítas. Residindo junto aos senhores, os religiosos estavam sujeitos aos mesmos vícios da camada senhorial, tais como o ócio e o desregramento sexual.

Em suma, também no que tange à religiosidade da colônia, novamente Freyre trabalha o cenário doméstico como meio de expressão da realidade geral. Ao descrever a fé nas casas-grandes e a importância das capelas nos engenhos, ele reforça a idéia da *casa* e sua importância no resgate do passado. Neste caso, o elemento do passado a ser resgatado é

formação da religiosidade brasileira, a qual Freyre demonstra ser bastante específica em relação à de outros pontos do mundo.

O Sentido Literal: a casa-grande e seus vários usos

Freyre nos dá uma idéia da casa-grande em sua larga utilidade. Mais que uma mera moradia, logo no prefácio encontra-se a descrição dos variados usos desse tipo de residência. Segundo Freyre, a casa-grande foi “[...] fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos [...]” (2006:36). O que deve ser realçado nesses dados é o fato das casas senhoriais figurarem como algo além do simbólico, algo além do laboratório de formação cultural. O trecho abaixo ilustra isso:

Mas a casa-grande patriarcal [...] foi também banco. Dentro de suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se jóias, ouros, valores. Às vezes guardavam-se jóias nas capelas, enfeitando os santos [...] (Freyre, 2006:40).

Até como sala de aula as casas-grandes serviram. Freyre aponta que era comum nos engenhos as crianças estudarem em casa, com um capelão ou mestre particular (2006:500).

Outro dado notável era a capacidade da casa-grande de acolher grande número de indivíduos. Ao longo das páginas da *CG&S* encontramos nas casas senhoriais: familiares, padres, viajantes, amas de criar, mucamas, além dos leva-pancadas (Freyre, 2006:435).

Nota-se a casa-grande como um lugar de grande complexidade. Seus múltiplos usos atraem para o interior de suas paredes indivíduos diversos, com idéias e interesses também diversos. Não havia muito luxo, finas mobílias ou quadros, mas sobrava espaço (Freyre, 2006:520). E nesse espaço se manifestava a fé, educavam-se as crianças, criava-se uma culinária brasileira, conforme tentei sintetizar aqui.

Finalizando

Os esforços aqui foram para explicitar a idéia de *casa* de Gilberto Freyre, observando como tal idéia se expressou em *Casa-grande & senzala*. Durante muitas páginas da obra fala-se sobre as casas-grandes, mas tive que optar por alguns pontos específicos, como a culinária e a infância. Longe de objetivar encerrar as discussões, o trabalho apresentado espera pelo

menos ter contribuído para elucidar certos aspectos ligados ao tema. Provavelmente há também falhas ou lacunas nas páginas anteriores, mas isso é normal diante da complexa tarefa de lidar com o pensamento de Freyre. Ele possuía uma noção de história bastante particular, tinha leituras variadas, além de uma formação cosmopolita e traços individuais ímpares. Mas foi exatamente por isso tudo, que ele pôde escrever um verdadeiro clássico nacional.

Em recentes discussões sobre *Casa-grande & senzala* nos encontros de mestrado, um dos pontos que mais intrigou os presentes foi o fato da obra nos tocar ainda hoje. É notável como a sua leitura ainda mexe com aqueles que nasceram ou vivem em terras brasileiras.

Penso que isso ocorre devido ao modo como Freyre descreve a formação de nossa sociedade. Ao optar por uma abordagem com foco na casa, no cotidiano, discorrendo sobre aspectos como comidas típicas, brincadeiras de criança, catolicismo lírico e outros temas, os escritos freyreanos tem o poder de aproximar a realidade descrita às nossas próprias histórias de vida.

Trata-se, portanto, de um livro que tem o extraordinário poder de nos fazer sentir parte do todo formado pela História do Brasil. E não seria essa a intenção de todo historiador?

Como seria interessante se os leitores de nossos artigos e monografias se sentissem parte integrante do passado que descrevemos. Pois Freyre conseguiu fazer isso escrevendo na década de 1930. Lançando o olhar sobre o âmbito doméstico com descrições minuciosas,

Freyre tenta entender a formação e as principais marcas da sociedade brasileira. Foi assim que ele pôs em prática uma magnífica oscilação entre o geral e o específico. E se isso é natural nas pesquisas históricas atuais, não o era há sete décadas. O trabalho se encerra aqui, mas as discussões sobre o pensamento freyreano continuam. E penso que, felizmente, será assim ainda por muito tempo.

Referências

Obras Completas

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51^a ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Contribuição para uma sociologia da biografia: o exemplo de Luís de Albuquerque, governador de Mato Grosso, no fim do século XVII*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1978.

_____. *Oh de casa!* Em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife: artenova, 1979.

_____. *Problemas brasileiros de antropologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.

LARETTA, Enrique Rodríguez; GIUCCI, Guillermo. *Gilberto Freyre: uma biografia cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PALLARES-BURKE, Maria Lucia Garcia. *Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos*. São Paulo: UNESP, 2005.

Capítulos de Obras

LEPINE, Claude. Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre. In: Ethel V. Kosminsky; Claude Lépine; Fernanda Novaes. (Org.). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: FAPESP/UNESP/EDUSC, 2003.

LODY, Raul. Casa-grande & Senzala: 60 anos depois. In: _____. *Germinalidades: 10 escritos sobre Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro: o autor, 1997.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello e (Org). *História da vida privada no Brasil*. v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Artigos

FONSECA, Edson Nery. A fortuna crítica de Gilberto Freyre. In: *Revista da Academia Pernambucana de Letras*. n 29. Recife: 1980.

PETER, Burke. Gilberto Freyre e a nova história. In: *Tempo Social: Rev. Sociologia da USP*. São Paulo, 1997.

SOARES, Geraldo Antonio. Gilberto Freyre: historiador de cultura. In: *Afro-Ásia*. v. 27. Salvador, 2002.

Notas

¹ Mestrando em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

² CG&S é uma abreviação da obra “Casa-Grande & senzala”, a qual será utilizada em outros trechos deste trabalho.

³ Gilberto Freyre deixou o país em 1917, passando por Estados Unidos e Europa e retornando ao Brasil na década de 1920.